N.º 44 (166) — 4.º ANNO

Terça-feira, 12 de Setembro de 1911

PREÇO 20 RS.

Semanario de caricaturas e humoristico
Propriedade da Empreza do jornal O ZÉ
DIRECTOR E EDITOR
ESTEVAO DE CARVALHO
CARICATURISTA
SILVA E SOUSA
ADMINISTRADOR
RICARDO DE SOUSA

IMPRESSÃO A CORES
Typ. do Annuario Commercial, P. dos Restauradores, 27

Composto e impresso na typographia NACIONAL
38, Rua da Conceição da Gloria (á Avenida), 40

SUCCESSOR DO JORNAL «O XUAO»

Redacção e administração: R. da Rosa 162, 1.º, Esq.º — LISBOA

SILVA E SOUZA

Escangalhás-te-me a republica com presidencia e outras trapalhadas, mas achatas-te. Outros que se deixam levar pelas vaidades do Mundo, são muitas vezes victimas do proprio Mundo.

Fitas batidas

Fomos um povo de navegadores, é certo, mas nunca como hoje navegamos em tão doce maré de rosas.

Isto vae de vento em pôpa, meus senhores!

A triste «di a» vidinha está o que se vê, e quando até na China se protesta alto e bom som contra os açambarcadores, os grandes e unicos inimigos do Povo, e por isso, a nosso humilde parecer, os verdadeiros e authenticos «thalassas», em Portugal dorme se o somno justo e descançado do sr. abbade nas tardes de verão.

Já ahi se desenha um «trust» dos azeites para embaraçar a vida ao Zé.

Não ha peixinho barato, porque a Republica para dar a melhor prova do seu amor ao Zé-Pagante, não tocou ainda no infame monopolio.

Extinguiu-se o monopolio do pão, e regulou se a salubridade das padarias, mas o pão continua pelo preço antigo, o pobre na taberna continua a ser desalmadamente roubado como d'antes, e em certas casas, os padeiros, ainda são os imeritos e nogentos porcalhões que eram até aqui.

Não se bule no mopolio dos electricos se porque se fosse a vêr com olhos de vêr as entrelinhas que falsificam o respectivo contracto, chegava-se fatalmente á conclusão de que o monopolio não existe de direito, e os amiguinhos do Povo, não parecem dispostos a trabalhar a seu favor.

Prometteu-se a carne barata para agosto, e, já em setembro, a carne baratinha que estamos a vêr é o lançamento dos novos tributos.

Regulou-se a questão do inquilinato e nós estamos a vêr que passa o anno marcado como praso para que não augmentassem as rendas e os avaliadores não vêem, indo depois o Zé cahir nas garras afiadas dos senhorios, que augmentarão a renda até onde quizerem.

Isto em materia economica: em materia social temos: os operarios presos por incendiarios sem provas algumas, as violencias contra os pequenos, etc., etc. E' uma fita muito comprida e muito dolorosa, que quanto mais batida mais assumpto apresenta e mais magua nos dá.

Mas, que querem vocês? Está se á espera do Paiva Couceiro. Elle entra, elle não entra; tem milhares de homens, tem meia duzia de «rebirougas»; tem canhões e municiamento, tem só chenguiços, paus e cordas; é homem arrojado, tezo, de temer, é typo sem valentia, heroe de papelão feito nos sertões a chacinar pretos indefesos.

E anda se n'esta pouca vergonha ha mezes!

Ha gente de dinheiro fóra, «patriotas» que fugiram da sua patria e a desampararam, e que não vêem para cá tão cedo. O trabalho nacional recente se d'esta situação.

Ainda a semana passada fallamos com um rapaz electricista que contava arranjar trabalho no dia seguinte, mas saltam aquelles boatos, e bumba, o rapaz que ia trabalhar nas illuminações para as festas do anniversario, não se empregou porque os dirigentes da coisa queriam ver em que parovam os modas, não viesse o Paiva Couceiro por Lisboa dentro e mandasse fusilar todos os promotores de ornamentações.

E n'esta parodia se anda e se continuará naturalmente.

Tem sido uma farça enorme.

O sr. ministro da guerra sem fumo que passou, andou mesmo a jugar as escondidas com o Paiva Couceiro.

Teve-o na mão e deixou o fugir. Depois disse que elle não valia um pataco e pozse a berrar pelas reservas a fazer um barulho de todos os diabos, a arrancar os pobres filhos do Povo aos seus labores, a perturbar e alvoraçar a provincia remançosa.

Quando dizia que reinava a paz e a harmonia mandava as tropas para a fronteira!

Uma grande, uma verdadeira parodia, que continuará até que o Paiva Couceiro, o Papão, delibére tirar-se de cima do telhado e deixar de metter medo a esta creancinha que é o Zé Povinho.

Emquanto elle não resolver isto a situação actual prolongar-se-ha e a gente continuará a ouvir o menino Paiva a gritar ao menino da guerra:—O' róró, já pode vir! Ih já!

E quando o menino da guerra não estiver de maré para «brinquezas» o Paivinha virar-se ha para o paiz e de balandrau e caraça, a espreitar por detrar do rabo da senhora D. Hespanha, gritar-lhe-ha em voz rouca e desafinada:

—Uh! papão!

*

Ai, meninos que não ha maneira de nos vermos livres d'uma grande vergonha!

Quando nós julgava-mos que o novo ministro do fomento iria remediar aquelle vergonhoso caso das estampilhas, lêmos a noticia de que os modelos se estão já a gravar.

Isto é unicamente phenomenal.

Um regimen que nasceu hontem, que veiu para ahi cantar a lôa do rejuvenescimento nacional, a gabar-se de que vinha encaixar a nação na civilisação moderna, a buzinar aos sete ventos que despertaria a consciencia, a força e o gosto artistico do Povo, e começa por adoptar sellos cujo desenho foi vergonhosamente plagiado a artistas estrangeiros, é um regimen mesmo a pedir um panno encharcado!

Mas isto, meus amigos, em Portugal, anda-se ao invez das outras terras.

Roubo, e roubo que dá cadeia, é uma corrente a quem ás vezes anda vaidosamente por entre as multidões mesmo a pedir que lh'a roubem, ou então, furtar um pão quando a «larica» está dando os seus maus conselhos.

Mas roubar um desenho, roubar uma idéa, roubar uma pagina de prosa, roubar uns versos ideaes, emfim, roubar qualquer trabalho artistico ao artista que lhe deu o melhor do seu esforço e o mais puro da sua alma, isso não é roubo... é honra!

Ora abobora...

*

Aqui ha coisa d'um mez desciamos nós a Avenida repimpados n'um banco dos electricos, quando ouvimos d'umas senhoras que seguiam a nosso lado, uns queixumes de certas injustiças de que eram victimas.

Palavra que estivemos para metter o bedelho e informarmo-nos do caso para o contar-mos depois aos nossos leitores. Afinal as damas apeiaram se e nós ficamos de bequeachatado sem novidade para lhes dar.

Ha dias, porem, «A Capital» trouxe-nos as informações que então deixara-mos fugir.

Trata-se da Junta do Credito Publico que o governo das coisas provisorias abriu para aprendizagem «provisoria por espaço de dois annos»(!) á mulher que se propoz emancipar.

Os encomios que então a imprensa louvaminheira rendeu ao governo não teem conto. Foi um delirio! Os typos que em casa batem na esposa e na rua pregam a egualdade dos sexos, não se calaram por aquellas trez semanas mais chegadas.

Finalmente! Ia-se pagar á mulher o carinho e desassombro com que ella ia para os comicios nos tempos da propaganda agitar os seus lenços vermelhos e avolumar a multidão para que ao outro dia o «Portugal» não dissesse que só lá tinham estado mil pessoas! Ia-se, emfim, agradecer-lhe o sacrificio e abnegação com que ella collaborara com o homem na propaganda revolucionaria e a coragem com que andára cuidando dos feridos na rotunda! Finalmente ia-se lhe abrir a porta do futuro!

Mas não foi. O Governo em vez de lhe abrir a porta, fechou l'ha.

As senhoras que são empregadas na Junta de Credito Publico estão fechadas á chave. São uma especie de presidiarias trabalhando fechadas na prisão.

Se algum homem lhe deseja falar, pae irmão, esposo, ou amante (porque ha amantes que não são esposos, e esposos que não são amantes) só o poderá fazer com licença superior do director da Junta e na presença do chefe da secção.

E' degradante e ridiculo! Degradante para aquellas senhoras e ridiculo para o regimen, que, acabando com as irmans de caridade transformou uma repartição official em convento!

Numa epocha em que no commercio, na industria, nas artes e nas sciencias, a mulher colabora livremente com o homem, os magicos do governo fecham-na a sete chaves!

E não contentes com isto, dão-lhe menos ordenado e mais horas de trabalho do que aos seus collegas do sexo barbado.

Alli é que impera a toda a força a Liberdade, a Egualdade e a Fraternidade...

Liberdade, de estarem fechadas á chave, ficando esta na mão do continuo, Egualdade de ganharem menos e trabalharem mais, e Fraternidade segura dos homens seus collegas que tomaram que ellas ganhem menos, para que a moda não pegue e elles não soffram concorrencia...

Isto é tudo um pagode chinez de alto lá com elle.

Os beijos de Rosalina

Um beijo que me desses, Rosalina
Um figo lhe chamava, com certeza
Mas, vejo que o não dás! Cruel tristeza!
E' esta minha malfadada sina.

A tua bocca, alva, pequenina,
Dos olhos tão suaves a justeza,
São obras magistraes da natureza;
São bolos, são pasteis de papa fina.

Ingrata; pois não dás nem por favor
E toda te amofinas e arrufas
O beijo que te peço meu estupor

De borla comes muito boas trufas,
E o que dás por dia com vigor;
Eu sei: são mais de quatrocentas b...

STYL

♣

Dialogo apanhado a gancho por um nosso «reporter» na redacção d'um novo semanario.

Um sugeito escuro—Isso é que a gente tramava «O Zé»!

Resposta d'um doutor—Não senhor. Isso não se faz, que todos precisamos viver...

Que trama nos quereria arranjar este sugeito escuro?

E á gente que havia de dar um grande abalo... á supipla!

ETERNA QUESTÃO

Vae tomando foros d'uma ignobil chantage, a constante contra-dança do **vae entrar. não entra** do regimento de bandoleiros, que nos dizem, pretender tomar o paiz e restaurar o que? Sim porque, não ha possibilidade de podermos admittir a banal razão de existir quem, supponha plausivel a incursão em Portugal, d'um regimento de... renegados da mãe patria que; na sua maior parte, são uns leigos em materia de estrategia militar e outros, quiçá ignorantes do que seja a topographia do que foi seu paiz.

Talvez, que ahi pelo seculo XVI ou XVII se, admittissem os Giraldos sem pavor, de que nos falla a historia do conquistador de Evora cidade. Mas, que em pleno seculo XX, se tolere a parva e ridicula presumpção de que Paiva Couceiro, possa realisar uma incursão a Portugal, patria hoje de homens livres, lar d'esse povo que soube a golpes de môntante derrubar esse edificio que era a vergonha e a fallencia d'um povo todo bondoso, todo sonhador, todo filho do heroismo; só a Bechîa, talvez admitisse, a realisação de semelhante loucura! Um povo, que assombrou o mundo inteiro com o gesto de 5 de outubro, um povo tradicional, um povo invejado pelo mundo culto, nunca póde descer a lembrar-se sequer de que por hypotese alguem amanhã possa vir em nome d'um regimen fallîdo e estatelado no lagedo da ignominia e do latrocinio, fazel-o resurgir e dar-lhe alento n'esta abençoada colmeia d'oiro que se chama Portugal!! Não póde ser—Paiva Couceiro, esse official da arma d'artilharia, esse heroe da guerra do Gungunhana, aquelle brioso portuguez que honrou a sua passagem pela administração suprema d'Angola e ainda o auctor erudito do livro-Angola, que falleceu n'uma tarde de Dezembro de 1910, ao subir a escadaria do Ministerio da Guerra; para descer qual Miguel de Vasconcellos—não é o alliciador de renegados, que dizem prepararem o salto da féra, para entrar no redil das ovelhas que amam a verdura do seu campo e o sol que as allumia!

Um simples, um ignorado do povo, não póde ser o chefe, o unico senhor que de «motu propio» venha escudado por um punhado de famintos, de renegados Minho abaixo, a restaurar ou para melhor dizer—para fazer reviver um cadaver que em 5 d'outubro deu a alma ao creador!

Alguma coisa mais alta existe, poder bem mais alto no occulto anda agindo: é esse, o ponto de mira a alvejar, é essa a grande, a unica obra que ao governo da republica compete levar a cabo—acabar d'uma vez para sempre, com o ridiculo senão nigromante papão da conspiração!

Entremos d'uma vez no caminho da ordem e da moralidade, procuremos levar a cabo a maior a mais efficaz das revoluções—a revolução dos ideaes, instruamos o povo, tratemos de fomentar a agricultura, uma das nossas mais poderosas fontes da riqueza nacional, estudemos o bem transcendente problema colonial, procuremos homens para os logares e não criemos mais logares para os homens e teremos uma patria livre e um forte povo! Procuremos evitar a continuidade d'essa vergonhosa divisão que se está fazendo portas a dentro da democracia — todos por um e um por todos—para não desmentirem a sublimidade da doutrina que durante 20 annos lançaram ao povo do alto da tribuna!

Acima do egoismo do homem—está o altissimo e sacratissimo dever de honrarmos, de consolidarmos a republica que a revolução de 5 d'outubro implantou mas não póde consolidar nem fazer! Eis a grande obra que ao governo compete fazer. Tratemos de provar ao mundo inteiro que, não ficaram raizes d'esse cancro que durante oito seculos depravou milhares d'homens que, petulantemente bajulavam os que subiam hoje ao pinaculo do mando para saciarem as suas desmedidas ambições; provêmos que a republica portugueza vive na ordem, na justiça e na moralidade e que não dá guarida a essa cohorte de comilões, impostores e parlapatões que tanto caracterisaram uma sociedade cuja divisa era—o roubo e a traição! Os unicos, os mais terriveis conspiradores, são os que falsa e hypocritamente se dizem velhos republicanos, mas que por circumstancias varias não se declaravam—e para nossa vergonha, lá os temos, ao lado da manjedoira nacional tal como antes!—o que prova que, o «Sic vos non vobis» do poeta romano será eternamente verdadeiro.

ARIEJNARAL.

Na 4.ª pagina

Do jornal das sopeiras

D...

Como tu és boa! não te apoquentes, temos que ter paciencia. Escreve-me sempre que poderes.

Visto a pequenota ser
Tão bonita maravilha,
E' caso para dizer:
«Como tu és boa, filha!...»

*

Do Seculo

PAMIRA

Posso mandar Foz araz 13 conbecido Alvarães 16 Fão.

Um conselho damos nós:
Quando fizer o correio,
Não lh'o mande para a Foz,
Mande-lh'o mais para o meio...

*

Do mesmo

1910

QUERIDINHA

Ancioso por carta recebi vou breve por voz tudo farei mil. S. J.

Com essa demora está
A importunar a mulher;
Vá breve por ella, vá,
Faça-lhe aquell's que quizer...

Ao sr. Ministro do Interior

Bem sabemos que s. ex.ª nada tem com as alcavalas que os outros fizeram mas, começaremos hoje por lembrar ao novo e illustre titular da pasta do interior que, o Decreto de 29 de março ultimo, ou seja, a nova reforma da Instrucção Primaria, com quanto seja um primor em materia de progresso, nada prevê sobre os prestimosos servidores do Estado que, não possuindo lamparina de Meca na Direcção Geral, estão ha annos na deprimente situação de addidos desde que foram extinctos os chamados Commissariados de Instrucção Primaria. D'esta classe, apenas existem uns 7, alguns conhecemos com brilhantes folhas de serviço; razão, porque não atinamos com as malas artes que se fizeram na lei para, assim deixarem na dubia situação funccionarios dignos e que com todo o direito, podem exigir âmanhã uma situação clara e digna.

Como se explica, que havendo sabedores do «metier», na situação de addidos, se tenham nomeado estranhos para amanuenses das inspecções?

D'estas botas, vendiam se aos pares com especialidade no ministerio do interior!

Como é vergonhoso tudo isto. «A pari a passu», iremos escalpelando e até á semana.

EPIGRAMMA

E' triste, hão de concordar,
Que um desgraçado d'um surdo
Que nada póde escutar
Por erro da natureza,
Sem ouvir o hymno tocar
Tambem tenha que tirar
O chapeu á Portugueza!

—Alguem da Sapataria Coimbra convencer-se de que Paiva Couceiro nunca mais entra a valer, e deixar de mandar fazer mais impressos com a corôa real é o distico vaidoso de—fornedores da casa real.

—Saber-se o que é feito da Associação dos humoristas.

—Acabar o o monopolio da peixe, que já podia ter acabado se a republica fosse, como apregôa, amiga do Povo.

—Vir a saber-se se o actual presidente do conselho chega ou não a enforcar os anarchistas todos, como disse ha annos n'um banquete a que atrombou no Campo Grande.

—Saber-se que justiça fez a justiça que pronunciou Bartholomeu Constantino pelo crime de incendiario.

—Atinar-se com a razão rorque só se prenderam por suspeitos os operarios quando tanta se não mais razão havia para deter os patrões, um dos quaes já largou em tempos fogo a uma fabrica sua, e momentos antes do incendio andava a passear no Terreiro do Paço talvez á espera de ver o effeito do espectaculo.

—Deixar de ser vergonhoso que um processo como aquelle, onde figuram depoimentos de testemunhas compradas até por um par de botas, siga os seus tramites.

—Saber-se quando é que acaba a grande paparodia com que o Paiva Couceiro anda a mangar com a gente.

—O Viu-se Grego saber ao certo se o «sobrancelhas crespas» sempre o processou ou se foi só para metter medo.

—O sr. Antonio Zé deixar de levar o Povinho outra vez no folle se lhe vier fallar com a mesma cantiga de d'antes.

—Lisa estar queda ao pé do boticario.

—Careca ser homem de vergonha.

—Haver um raio que parta a Companhia de má lingua que vae tocar rabeca para a pharmacia.

—«Capadinho, capadão», corresponder ao amor em segunda mão de certa dama casada.

—Saber-se porque preço se vende agora a tão decantada carne congelada.

—Saber-se em que alturas paira o aeroplano do sr. João Gouveia.

—Acabar a comedia guereira entre a Allemanha e a França, e a comedia grutesca entre nós e o Paiva Papão.

—Saber-se quando é que a policia e o exercito dão uma para a direita com fardamentos eguaes.

Salve-se quem puder !...

Ouve-se agora um toque de clarim,
A acompanhar uns rufos de panella!...
São elles! Os paivantes! Vão emfim
Entrar em Portugal pela Portella!...

Cavalga á frente um typo magrizelia;
Vem heroico! Os bigodes não tem fim!
Orna-lhe a fronte um ar de espadachim,
Qual D. Quixote esguio sobre a sella!

Vêm gallegos, vilões que foram guitas,
«Fidalgos que descendem de D. Sancho.
Rei, rainha, ladrões e jesuitas!

Fecha o cortejo um padre todo ancho
E em cima da carroça das marmitas
Vem o bispo de Beja a fazer rancho!...

Regata a valer...

Diz o Seculo que na regata S. Sebastian-Biarritz correm todos os «balandros» do rei.

O que o povo hespanhol devia fazer era correr todos os «malandros» que por lá andam! Isso é que era uma regata!...

O monopolio da entrelinha

A cidade de Lisbôa entregue por 99 annos nas mãos d'um monopolio accusado de illegal.

VII

«E' preciso que se saiba quem ousou sobrepor-se á propria Camara e ao governo, introduzindo no contracto clausulas por este expressamente excluidas...»

Isto dizia-se em 1906. Hoje dizem os republicanos, os amigos e defendores do Povo.—Não é preciso saber-se nada. A coisa está assim muito bem.

D'outra maneira não se explica a atitude d'elles Porque diabo não teem elles tratado do caso? Porque carga d'agua os administradores rectos, os sacerdotes da legalidade, os inimigos declarados das situações escuras e equivocas, não se foram ainda ao contracto e não o trouxeram para a luz da discussão?

Ou foram analysal o e acharam-no em ordem? Então digam-no! E' preciso que se saiba se ha monopolio ou não!

No mandarinato da «thalassaria» a situação ficou nebulosa. Ficou se na duvida, como afinal todas as administrações monarchicas andavam envoltas em duvidas. Mas agora que já deu um ar na monarchia é preciso que se aclare a questão. Se ha monopolio, se os republicanos acham legal o que alguns monarchicos acharam falsificado, diga se para que o Povo saiba a quantos andam as coisas que lhe pertencem. Se não ha, declare-se, para que deixando nós de ser-mos uns escravos vendidos por 99 annos aos inglezes de Santo Amaro, se possa estabelecer a concorrencia que tão precisa é, para baratear o custo da vida ao pobre Povinho.

*

O contracto dos electricos segundo se vê pela discussão que em 1906 levantou na Camara Municipal, ficou falsificado porque alguem lhe introduziu em entrelinhas, palavras, que de simples concessão o transformaram em monopolio!

Chamados os responsaveis a prestar contas declaram que effectivamente lhe haviam accrescentado essas entrelinhas, á pedido do sr. Simões d'Almeida representante da Companhia, mas legalmente, na presença do presidente da Camara e de todas as testemunhas.

Isto era uma «escova» mal mettida, no tocante a estar presente o presidente da Camara, quando accrescentaram as entrelinhas ao contracto. Elle veiu á estacada e desmentiu os.

Mas mesmo que o presidente e todas as testemunhas estivessem presentes e a escriptura tivesse as entrelinhas resalvadas, emfim, que estivesse legal, que se deduziu d'aqui?

Deduzia se que aquelles marotos d'aquelles «thalassas» eram tão bons zeladores dos interesses publicos, que só por a Companhia pedir ou reclamar pela bocca do seu representante, que se alterasse a escriptura, elles estiveram logo promptos para lhe fazer a vontadinha, transformando a concessão em monopolio sem attenderem aos interesses do Zé que diziam representar!

Cambada de... «thalassas»!

Indignado dizia «O Sèculo» em 1906:

...E assim, sem contracto que foi falsificado, com a introducção de entrelinhas que o governo não authorisára tem de subsistir.

A concessão d'um systema de viação, fica transformada num monopólio de aviação por 99 annos, por assim o ter exigido o outhorgante por parteda Companhia e todo o povo de Lisboa hade assistir impassivel, de braços cruzados, á satisfação dessa iniqua excepção!

Não pode ser! E não ha-de ser!...

Mal sabia «O Seculo» que até hoje, em regimen de legalidade, póde ser, quanto mais n'aquelle tempo!

Não chega p'rás encommendas

Celorico Gil lá foi nomeado membro de mais uma commissão parlamentar.

Mas então quantas commissões de paulitada ha para que s. ex.ª faça parte de tantas?

Está claro

Quando se noticiou o incendio da fabrica de cortiça de Chelas a imprensa dizia não saber se o incendio era casual ou devido a mãos criminosas:

Pois nós já sabiamos; foram os operarios! Pois quem havia de ser?

ORA NÃO HA!

Então vocês não leram «Os Ridiculos» encolerizados porque quando foi da revolução deram tiros n'uma avenida (a da Liberdade) onde dormiam velhos, mulheres e creanças.

Mas então aquelle diabo queria que se escolhesse previamente local para uma revolução?

—Que o Affonso vae á Suissa,
Deixando assim a justiça.
—Que o Camacho dos «burriés»
Vae emfim, lavar os pés.
—Que o bispo Sebastião
Vem tambem na «reinação»,
—Que dois canhões elle traz:
Um á frente e outro atraz!
—Que é na Portella do Homem
Que os carbonarios o «comem»!
—Que apesar de ser tão tezo,
«Leva tapona»... e vae preso!
—Que lhe sahiu d'uma canna
Que lhe está com certa gana!
—Que, se o apanha, o Carvalho (¹)
Faz-lhe o corpo n'um frangalho!
—Que lhe manda, diz um «cabo»,
Duas granadas... «nas ventas»!...
—Que depois lhe mandarão
Tiros de repetição...
—Que, se chegar a haver molho,
Hão de lhe vasar um olho!...
—Que, se não chegar a haver,
Com certeza vão-lh'o encher!

(¹) Um celebre deputado.

Antonio Eugenio Euchides Cesar d'Almeida Tanoso Tenreiras Praxedes

Consorciou-se hontem este nosso amigo e honrado cidadão, muito capaz. de ser um bom dono de casa. A noiva, uma prometedora menina da Baixa, de cabellos louros e olhos azues, muito azues, deve estar a estas horas convicta de ter encontrado um cavalheiro de caracter fortalecido na lucta pela vida. Seguidamente á cerimonia que se realisou em casa de Euchides Prachedes, realisou-se um jantar intimo que decorreu na maior alegria e melhor harmonia. Este porém foi alterado no final. Narremos os factos. Servido o Champagne levanta-se Euchides de taça em punho e brinda pelo **Colyseu dos Recreios** n'estes termos:

—Eu brindo pelas prosperidades de um dos theatros melhores de Lisboa. Refiro-me ao **Colyseu dos Recreios**. E não julguem descabido o meu brinde. Dão-se ali os mais deslumbrantes espectaculos, os mais moralisadores e civilisados e por um preço baratissimo.

Ora eu que hoje constituo familia, d'aqui aconselho todos os chefes de familia a que levem as ditas ao **Colyseu**, para que se deleitem com a distinctissima interpretação que a companhia da opereta dá a todas as peças do seu reportorio.

Uns applaudem, outros protestam, e todos berram muitissimo. Ha murros e palmas, taças entornadas e fulanos que fogem para os cantos, para commerem mais e mais, para encherem o bandulho a estourar.

—A mim, quem me tira o **Apollo**... tira-me a vida. E então agora que vae pôr em scena a «Crise do Amor»... Como se não estivesse aqui eu para a resolver... E que vae vestida com um deslumbramento que mette tudo n'um chinello de trança... diz lá do fundo a Sogra de Euchide, toda encarniçada.

—Fóra, fóra...

A sopeira era pelo **Variedades** «ha lá muita piada, ha sim senhor», dizia ella.

Deixem-se de tretas. Eu sou pelo Zig-Zag» que no **Julia Mendes** está a fazer segundo successo, opinava um cavalheiro que de copo em punho zig-zagueava.

Logo berrava do lado uma dama espartilhada —Ora, ora. Quem me enche as medidas é o Herodes. Só a sua Tombra dá duas casas cheias todas as noites no **Chalet Avenida.** E' um homem de poder.

A zaragata ainda augmentava. Agora era a noiva que berrava que havia de ir todas as noites ao **Chiado Terrasse** mais o primo e a sopeira logo fazia côro: «e eu acompanho-a, minha senhora». Os petizes tedos á uma berravam que queriam ir ao **Circo Russo,** na feira, vêr es ursos, os macacos, os cães, o camello e o cavallo, tudo isto amestrado!!

—**Olympia, Olympia,** berrava lá um.

—Vá-se despir, não chega ao **Central.**

—Quem ha ahi que não aprecie o **Theatro da Trindade?**

—Quem ha ahi que não dê palmas ao trabalho original de Gomes?

—Quem ha ahi que não estime a insinuante e sympathica Zulmira Ramos?

E o caso é que este fulano fez calar um pouco os convivas.

Mas logo voltou a reinar o chrinfrim.

—O maior e mais arejado é o **Salão da Trindade.**

—Arejados são os da feira, o **Cine Paris, Cine Palais e Chantecler.**

—Fale **lá no Chalet Republica,** que tambem tem variedades.

E o banzé não socegava. Varias vezes tentei deitar agua na fervura mas não o consegui, de forma que resolvi raspar-me.

Quando sahia, lá ficava a petizada a chupar os dedos e a berrar.

—Eu quero ir ao **Circo Russo** p'ra vêr o camello !!

E o noivo iracundo em cima d'uma cadeira:

—O **Colyseu dos Recreios** vae fechar, mas aqui juro que lá irei logo que reabra, e juro-o porque Antonio Santos é um homem incapaz de impingir «palhada» ao publico. Esta companhia é maravilhosa, a que vier não o será menos.

Ouvem-se apoiados de mistura com alguns protestos Oh! meninos aquillo parecia S. Bento. Ora o casamento do Praxedes...

Zé Pimenta

Viseira carregada

Achando-se já em via de completo restabelecimento o nosso collaborador Arthur Neves, contamos publicar esta secção no proximo numero.

Tchim, tchim, tchim, bum, bum.

Que reportorio irá tocar a charang;a? Será musica popular ou peças que ninguem entende?!...

O Zé na feira

Rotunda dos heroes, 10 de setembro

Olhem que aquella da atiradora metter uma bala n'um braço d'um empregado do **Vicente da Porcalhota** é de primeirissima ordem! Com tanto alvo fixo que elle tem alli á escolha da freguezia, a senhorita não podia achar melhor sitio para depositar a bala do que o braço do inoffensivo homensinho.

As madamas agora andam com um feminismo levado da bréca. Ainda esta noite ouvi eu uma na

A tia Anna do Grão

(Vocês sabem que a **Tia Anna do Grão é a unica casa de pasto das feiras populares.** Fica situada n'um bello predio de três andares na rua principal da feira.

A **especialidade** da casa é **bacalhau com grão.**

E' este o prato do dia. Mas alli tambem ha todas as qualidades de comida, proprias d'uma casa de pasto tão afreguezada como esta é).

Pois como eu ia dizendo; encontrei lá a feminista, e ella não me deu tempo a que a interrogasse:

—Já sei a que vem—disse—aquella senhora que metteu uma balla no braço do homem é a mais ladina representante do feminismo.

—Mas eu entendia que o feminismo era a mulher educar-se para educar os seus filhos e fazer d'elles uns homensinhos...

—Não senhor. O feminismo é a mulher fazer tudo o que o homem faz.

—Fazer tudo o que o homem faz?

—Sim senhor. Olhe os homens atiram, não atiram? Pois as mulheres agora tambem querem atirar!

—Mas ao menos que atirassem umas ás outras...

—Umas ás outras?! E os homens por ventura não atiram ás mulheres?! Em guerra por exemplo, quantas mulheres não cáem varadas pelos homens? Era agora de toda a justiça que as mulheres lhes atirassem por sua vez.

Aqui n'esta Rotunda dos Heróes houve uma mulher que atirou valentemente quando foi da revolução...

—E o governo pagou-lhe isso com o livrete infamante...

—Não quero saber, mas atirou! E atirou como qualquer homem. Os direitos da mulher são eguaes aos do homem.

—Isso agora...

—Pois se não são deviam ser. Ora diga-me uma coisa: Com que direito na

Ermida do Padre Antonio

ou cá fóra na sala do **Restaurant e cervejaria Germania,** ou lá dentro na **esplanada com vista para a Avenida,** ou mesmo na **adega** do lado, se comem **papinhos de freira?**

Porque se não ha-de comer tambem alguma coisa do homem? E' elle perante a natureza mais do que a mulher? Já alguem nos «Rendez-vouz» do

Campo Pequeno na Feira

onde o **Florencio** tem tão bellos piteus, veiu dar a primazia aos actores que depois dos espectaculos alli se reunem, para dar ás actrizes? Acaso a mulher que vae a qualquer estabelecimento não paga como o homem? Se uma senhora entra por exemplo na

Adega do Saloio

e se senta á sombra d'uma arvore, a saborear com qualquer cavalheiro meia dóse de **atum com batatas** ou outro qualquer petisco dos que lá se fabricam a primor, acompanhado d'uma pinguinha para alegrar, não paga como o homem? Se se assenta a uma das mezas da

Nova Barraca de Farturas

da filha do antigo fabricante, a saborear de empreitada as gostosissimas **farturas** que mais de **vinte empregados** atarefados nos servem, acompanhando-as com o **vinho branco especial,** alli em competencia com o homem, acaso este lhe ganha?

—Lá isso, em goludice, sem duvida que lhe não ganha.

—Mas não é só n'isso. Na

Adega da Figueira

alli ao cimo da **rua principal,** aquella **grande barraca** que o **Abel** montou com tanto esmero como trabalho para proporcionar á immensa freguezia o **excellente vinho** que lá tem, e as **bellas petisqueiras** que lá se servem no lindo **retiro ao ar livre illuminado a luz electrica,** acaso a freguezia é só constituida por homens?

—Ai isso não minha senhora. Vae lá muita dama, e das bem postas...

—Pois onde está a differença!

—Mas...

—Qual «mas nem meio «mas». Diga-me lá você uma coisa se é capaz: Conhece o **melhor Restaurant** da feira?

—Não ponha mais na carta, é o da

Maria Botas

onde se serve...

—Cale-se. Todos sabem o que lá se serve e com que esmero se serve. Quem o não souber não é digno de andar na fita da vida com as mãos no ar. Você conhece o mais **fino restaurant:** pois bem, diga-me quem é que acarreta sorridentemente com maior numero de trabalho para servir a escolhida clientela, é o **Wenceslau** ou a **Maria Botas?**

—Isso agora é que eu lhe não sei dizer. Elles são ambos tão activos e tão estimados!

—Pois então, ahi tem. A mulher é egual ao homem. E se o é, por que carga d'agua se hão-de comer só papinhos de freira, isto é, só papinhos de mulher?

—Oh minha senhora—tentei em avançar em defeza do sexo barbudo—mas os homens não teem papinhos...

—Deixal-o—berrou ella em pé agitando o braço com aquella solemnidade tragica com que a Fifi da **Sombra do Herodes** ameaça comer metade do grosso do exercito—se não teem papinhos, trincava-se-lhe outra coisa!

Com esta apostrophe violenta acabou-se a entrevista. Passei as palhetas não fosse eu alli trincado pela exaltada feminista.

Agua da Mina

Não me quero ir embora sem lhes contar uma dos diabos. Foi hontem á noite no **Chantecler.** Estava a sessão em mais de meio, quando da escuridão uma voz de mulher afflicta se fez ouvir:

—O' homem abaixa o pau, que se está a ver alli em baixo.

Toda a assistencia voltou a cabeça com curiosidade. Mas não era nada de grave. Eu lhes conto. Fôra um saloio que viera á feira e como na

Antiga Barraca do Julio das Farturas

bebêra uma pinguinha a mais d'aquelle **inegualavel vinho branco** viéra para o animatographo com a mulher e já muito alegre puzera-se a dar voltas ao varapau de maneira que levantando-o fazia com que elle se fosse retratar em cima das fitas. Por isso a mulher se assustou e lhe disse que abaixasse o pau.

Ora aqui está.

Agua da Mina

Barraca Arganilense

Por debaixo do caracol. Vinho branco sem egual

O Baptista das farturas
Participa á «Lisbia inteira
Que tambem vende doçuras
Lá na Praça da Figueira

Fica pois a população
Sciente d'esta maneira:
De manhã é lá na Praça
A' noitinha é cá na feira.

Moraes do Padre Antonio

Genifofe, isquinhas, petisquinhos vinhinho... e raparIguinhas a servir á mesa... capazes de fazerem adherir novamente o Padre Mattos.

Ouvi dizer ao luar
Com trinados na garganta,
O beber afasta maguas,
A tristeza nos espanta,
E o luar, o maganão;
Tentado pelo demonio,
Veio beber, pois então,
Ao Moraes do Padre Antonio.

Georgina de Oliveira

Proximo ao Circo Russo

Tiro aos pombos, a unica diversão d'este genero que existe na feira. Grande variedade de alvos. A melhor casa d'este genero. Junto ao Circo Russo.

Ao correr da fita

—Ai, visinha agora é que elle entra!

—Quem?

—Pois não sabe?! O Paiva Couceiro, mulher de Deus!...

—Por amor de Deus não me chame mulher de Deus; bem sabe que sou fiel a meu marido...

—Foi engano, visinha. Pois vae haver molho outra vez, disse me hontem a visinha cá de cima, a que está junta com aquelle sujeito que é carbonario!

—E por onde entram os paivantes?

—Disseram me que a entrada era pela Portella do Homem...

—Qual homem?

—Isso agora é que eu não sei. Ha por ahi tanto homem com as portellas abertas...

—Talvez seja pela portella do bispo. Mas se entram por ahi não temos tropas para impedir a passagem!...

—Porquê?

—Aquillo é tão grande!... Eu ainda não quero crer que entrem...

—Entram, entram, verá!...

—E se ganharem?

—Dizem que a primeira coisa que fazem é cortar a cabeça ao Affonso Costa; depois tiram o coração ao Antonio José de Almeida e muitas outras coisas. Só ao presidente, como é velho, não lhe fazem senão...

—O quê?

—Obrigam no a assoar-se...

—Tem graça!...

—Estou com medo é que meu marido soffra alguma coisa.

—Está doente?...

—Não. Tenho medo que lhe façam mal. E' republicano a valer e por isso deram-lhe uma pensão. Esteve na Rotunda no dia 6 a ajudar a tirar as peças...

—Então o seu homem é teso?

—E' teso, é. Mas se vir sangue é capaz de murchar...

Já são republicanos!

Admira se um leitor que os reclames dos melões Palha Blanco impressos d'antes a azul e branco, sejam hoje a verde e encarnado.

Adheriram... ora essa!

Então os melões não estão no seu direito de adherir?!

Ir pelos ares antes de tempo

Tremei heroes da Rotunda
Que o heroe parlapatão
Vem arrasar o paiz
Embarcado... num balão.

Mas como o Povo não mostra
Receiar o tal papão,
Couceiro vae-se entretendo
A' pesca do... Camarão!